

CAPÍTULO VI

TURISMO CRIATIVO E ARTESANATO: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ‘MÃOS DE CÁ’

Noémi Marujo - Universidade de Évora/CIDEHUS
Maria do Rosário Borges - Universidade de Évora/CIDEHUS
Jaime Serra - Universidade de Évora/CIDEHUS
Paula Lourenço - CACO

1. Introdução

A essência do turismo criativo, que assenta na cultura de um lugar, oferece aos turistas a oportunidade de desenvolverem o seu potencial criativo, através da sua participação ativa (Richards e Wilson, 2006; Richards e Raymond, 2000) em iniciativas ligadas ao património cultural de uma região. Cada localidade tem um potencial criativo singular para oferecer uma combinação de habilidades, conhecimentos, ativos físicos, capital social e atmosfera que a tornam adequada para promover algumas atividades criativas (Santos e Silva, 2016) como, por exemplo, o artesanato.

O papel central do artesanato tradicional é testemunhar a vida de um povo (Vives, 1983). Ou seja, o artesanato está ligado às tradições culturais e sociais de uma comunidade e implica saberes e habilidades que, em muitos casos, são transmitidos de geração em geração.

A diversidade do artesanato depende, essencialmente, da oferta de matéria-prima de cada região e, também, da vocação artística local (Alexandre, Faial e Rizzo, 2012). No concelho de Odemira, a CACO (Associação de Artesãos do concelho de Odemira) tem como principal objetivo a valorização do artesanato.

O presente capítulo pretende descrever a forma como o espaço CRIAR (Centro em Rede de Inovação do Artesanato Regional) da CACO preserva e valoriza as artes e ofícios do concelho de Odemira. No âmbito do Projeto CREATOUR, e para ensinar a trabalhar o artesanato de Odemira, a CACO criou a iniciativa ‘Mãos de Cá’.

2. Turismo criativo e artesanato

O artesanato expressa materialmente a cultura de um país ou região (Zargham, 2007; Alexandre et al, 2012). Ele desempenha um papel fundamental no sector do turismo, pois enriquece a oferta turística de uma região e mediatiza o contacto de culturas (Ramos, 2007). Para Santos e Silva (2016), quanto mais genuíno for o trabalho de um artesão numa localidade, “mais visitantes atrairá e maior será o potencial de impacto da sua arte na qualidade cultural e social do destino” (p.230). Castilho, Dorsa, Santos e Oliveira (2017) afirmam que a arte artesanal pode ser entendida “como uma expressão genuína de uma cultura que pode ser a marca de uma cultura local, pois, ao construir suas peças, o artesão expressa, por meio de uma técnica específica, o seu fazer, o seu conhecimento tácito, o qual foi acumulado das gerações pretéritas, expressividade original que marca sua cultura e territorialidade” (p. 193).

O artesanato, especialmente o tradicional, espelha os usos e costumes de uma comunidade. Para Brandão, Silva e Fischer (2013) é “...uma atividade cultural que é construída, transmitida e modificada ao longo do tempo perpetuando modos de vida, saberes e fazeres de uma determinada sociedade” (p.199). Segundo estes autores, o artesanato pode ser entendido como um “processo criativo gerador de valor simbólico que guarda forte relação com a cultura, tradição e identidade do local em que é produzido, sendo considerado como indústria criativa capaz de viabilizar e integrar novas dinâmicas culturais, económicas, sociais e tecnológicas” (Brandão *et al*, 2013, p.199).

Existe, atualmente, uma grande procura pelo consumo do património ligado às artes e ofícios tradicionais de uma localidade. Nesta tendência insere-se o chamado turismo criativo que tem como objetivo princi-

pal proporcionar experiências ativas e de aprendizagem aos turistas (Richards, 2011; Tan, Kung e Luh, 2013). Por isso, cada vez mais, as regiões recorrem às expressões culturais associadas, especialmente, a artefactos artesanais para oferecerem experiências autênticas e memoráveis aos turistas. De facto, a prática do turismo proporciona um conjunto de experiências, memórias e emoções relacionadas com os lugares que os turistas visitam (Marujo, 2016) e, por isso, os promotores do turismo devem estar atentos às suas necessidades e desejos. A experiência inclui as pessoas que se conhecem, os lugares visitados, as atividades em que o turista participa e as memórias criadas (Smith, 2006).

Gonçalves e Costa (2017) consideram que a “essência do turismo criativo se encontra nas atividades e experiências relacionadas com a autorrealização e a autoexpressão através das quais os turistas se tornam cointérpretes e cocriadores no desenvolvimento das suas competências criativas” (p. 1193). O valor da experiência turística está focado na componente emocional do turista e, portanto, são os produtos e serviços com alto conteúdo simbólico e cultural que proporcionam ao turista criativo, de certa forma, uma experiência que pode ser considerada enriquecedora e inesquecível. Logo, o artesanato é “parte integrante da experiência do turista” (Mustafa, 2011, p.145).

Segundo Brandão *et al* (2013), o artesanato “é uma atividade que traduz a cultura de um povo por meio dos sentidos e das teias de significados que o constituem, guardando estreita relação com a tradição, os modos de vida e a identidade do local em que é produzido” (p. 201). E, por isso, segundo Coriolano (2009), pode ser “direcionado para a atividade turística, como forma de valorização do património cultural e das representações culturais do povo” (p. 160).

Para Cunha (2012) o artesanato, para além de desempenhar um papel vital na economia e na vida rural de uma comunidade, “reúne o atendimento das necessidades dos consumidores e de preservação do meio ambiente histórico e natural, ao mesmo tempo em que mantém vivas competências e habilidades tradicionais” (p. 42). Santos e Silva (2016) sublinham que “o artesanato é a mais pura manifestação de arte popular criativa conduzida por mãos hábeis, quase sempre desconhecidas, que

operam em consonância com o gosto e a intuição do artista nato, cuja aprendizagem e maturidade são colhidas na escola da vida, em que o aluno é o professor de si próprio” (p. 214).

O artesanato, de âmbito local ou regional, funciona como um testemunho da identidade cultural de uma comunidade. De certa forma, ele personifica a riqueza de um património associado a determinado lugar. Se o turismo criativo pressupõe uma interação ativa entre o turista e as manifestações culturais de uma comunidade, então, o artesanato, pelo seu valor simbólico e cultural que assume, tem um grande potencial para o desenvolvimento do turismo criativo (Brandão *et al*, 2013).

3. A CACO e o CRIAR

A CACO (Associação de Artesãos do Concelho de Odemira) surgiu, em 2002, para promover as artes e ofícios tradicionais, contribuindo, desta forma, para a dignificação dos artesãos e das atividades artesanais do referido concelho. As principais ações da CACO são: a) promover atividades que incentivem o conhecimento e a difusão da atividade artesanal; b) promover a formação profissional dos artesãos; c) apoiar a comercialização das produções artesanais, designadamente as que resultam do trabalho dos associados; d) desenvolver, a diversos níveis, contactos com entidades com interesse, ou intervenção direta, no sector das artes e ofícios (CACO, s/d).

Para valorizar o artesanato a CACO criou, em 2018, o espaço CRIAR (Centro em Rede de Inovação do Artesanato Regional), o qual é constituído pelas seguintes oficinas de trabalho: joalharia; tecelagem; costura; olaria; e madeiras (Figura 1). O espaço contempla, ainda, duas salas de exposição e a loja de comercialização de produtos resultantes do trabalho de 42 associados.

Figura 1 – Espaço CRIAR



Fonte: CACO (2019)

O CRIAR tem como princípios: a) Promover a fruição do património ligado às artes e ofícios tradicionais a partir da atividade turística como garante de um contributo para a competitividade do território; b) A qualificação de novos artesãos através do planeamento e realização de projetos de formação de qualidade que possam dignificar e promover as profissões ligadas ao artesanato, tornando-as atrativas para os jovens que procuram uma carreira profissional na área; c) O estabelecimento de parcerias regionais com vista à dignificação, organização, regulamentação, desenvolvimento e modernização das artes e ofícios tradicionais; d) Orientar na conceção e desenvolvimento de novos produtos e na inovação apoiada nas tendências atuais ancoradas na identidade cultural do concelho de Odemira; e) Promover o produto artesanal com valor cultural acrescentado, entre a tradição e a inovação, através da realização de eventos, de residências criativas e ações de formação em artesanato que têm como objetivo aprofundar a transmissão dos conhecimentos técnicos e estimu-

lar também a criatividade; f) Valorizar as artes e ofícios tradicionais: trabalhar constantemente pela qualificação dos artesãos ao nível dos saberes e das técnicas; garantir a promoção da qualidade dos produtos e serviços; garantir o desenvolvimento das microempresas artesanais; dignificar o estatuto do artesão e das unidades produtivas artesanais (CACO, s/d).

Para além dos seis princípios, o CRIAR pretende, através das ações de formação em artesanato, prosseguir os seguintes objetivos: aprofundar a transmissão dos conhecimentos técnicos e estimular a criatividade dos participantes; elaborar propostas de circuitos turísticos e infraestruturas interpretativas que integrem unidades produtivas artesanais; colaborar com entidades regionais com vista à valorização do artesanato regional no âmbito do turismo em espaço rural; e prestar apoio técnico aos projetos de turismo criativo que integram iniciativas de animação cultural e etnográfica (CACO, s/d).

3.1. O Projeto ‘Mãos de Cá’

A oferta criativa ‘Mãos de Cá’ criada pela CACO, através do Projeto CREATOUR, é um produto turístico cultural diferenciador no território de Odemira. A iniciativa tem como objetivo promover e preservar as tradições locais, mas também atrair turistas e proporcionar experiências criativas associadas ao ‘sentido de lugar’ da comunidade em que se desenvolve. Refira-se que o turista está cada vez mais exigente no seu ato de consumo. Ele já não quer somente ver como é feito o artesanato ou comprar um objeto artesanal representativo da região que visita. Quer aprender a fazer e levar consigo algo de novo.

No projeto ‘Mãos de Cá’, o turista pode envolver-se nas seguintes oficinas criativas:

a) ações de iniciação (1,5 horas a 3 horas) através das quais terão uma experiência turística rápida que permite o contacto real com as artes e ofícios tradicionais que decorrem no Centro de Artes e Ofícios CRIAR;

b) ações de média duração (4 a 6 horas), que se realizam no espaço das oficinas da Associação e um conjunto de produtos de visita (passeios de automóvel conjugados com pedestres) que assentam, nomeadamente,

nas oficinas dos artesãos e proporcionam a realização de um *workshop* em áreas como a joalharia, olaria, tecelagem e reutilização. As atividades realizam-se em Vale-Ferro, Odemira, Boavista dos Pinheiros e Longueira que, complementarmente, estão ligados a elementos do património edificado, biológico e paisagístico.

O projeto ‘Mãos de Cá’ é destinado aos turistas e/ou visitantes, mas também aos residentes do concelho de Odemira. O envolvimento da comunidade nas oficinas criativas contribui para a perpetuação dos hábitos e costumes através das novas gerações. De facto, somente a comunidade pode manter e preservar a verdadeira essência do património cultural associado a um lugar. Para os mais idosos, as atividades podem servir para recordarem as suas raízes históricas. A participação dos mais jovens serve, particularmente, para terem um primeiro contacto com as artes e ofícios tradicionais do seu concelho e, também, para darem continuidade a uma herança cultural. As atividades criativas também estão disponíveis para um conjunto de agentes associados ao turismo (alojamentos, restaurantes, empresas de transportes, etc.), dado que eles têm o potencial de canalizar os seus clientes para a realização destas experiências e, deste modo, contribuirão para prolongar a estada média no concelho e rentabilizarem os seus próprios negócios.

3.1.1. Oferta em turismo criativo

As atividades propostas pelo projeto ‘Mãos de Cá’ promovem o desenvolvimento de novas competências/capacidades nos participantes, nomeadamente ao nível do conhecimento das técnicas artesanais na olaria, na tecelagem, na joalharia, na cestaria, etc.

Nas atividades, os participantes podem adquirir competências em diferentes níveis, que vão desde a iniciação (o participante passa por um primeiro contacto com as diferentes técnicas) até a um nível mais avançado, especialmente para participantes com conhecimentos mais consolidados.

3.1.1.1. Oficina ‘Ser Tecelã’

A tecelagem tradicional utiliza instrumentos e tecnologias artesanais

característicos de cada região. A atividade artesanal só será genuína se tiver o envolvimento dos artesãos que são, de facto, os guardiões da cultura anfitriã. Na oferta criativa ‘Ser Tecelã’ (Figura 2), os participantes têm a oportunidade de entrar em contacto com uma realidade singular que é parte intrínseca da cultura local do concelho de Odemira. Sublinhe-se que para Santos e Silva (2016), os visitantes que se deslocam à procura de conhecimento cultural estão cada vez mais interessados em experiências ativas. Segundo os autores, eles querem aprender “com aqueles que são do lugar e veem nesses encontros a possibilidade de uma nova experiência, levando para os lugares de origem alguma arte consigo, para se tornarem um praticante e consumidor do turismo cultural” (Santos e Silva, 2016, p. 229).

Figura 2 – ‘Ser Tecelã’



Fonte: CACO (2019)

A atividade ‘Ser Tecelã’ tem como objetivo captar o interesse de turistas ou visitantes que procuram conhecer experiências realizadas por outras mulheres, particularmente nas áreas criativas. Na Figura (2) observa-se que as participantes estão a ‘mergulhar’ num processo de aprendizagem sobre um ofício tradicional (tecelagem) relacionado com a comunidade de Odemira. Trata-se de uma atividade que também permite uma interação social entre os participantes. Tal interação proporciona uma aprendizagem de conhecimentos modificando, de certa forma, a visão que eles têm do mundo e acrescenta também valor ao relacionamento humano (Marujo, 2012).

3.1.1.2. Oficina ‘Ser Joalheira e Ser Escultor’

A atividade ‘Ser Joalheira e Ser Escultor’ é outra atividade desenvolvida pela iniciativa ‘Mãos de Cá’ (Figura 3). Nesta iniciativa, os participantes aprendem como pode ser criada uma escultura de ferro e/ou uma peça de joalharia.

Figura 3 – ‘Ser Joalheira e Ser Escultor’



Fonte: CACO (2019)

Através de um *workshop*, os participantes têm a oportunidade de entrar em contacto com alguns utensílios que fazem parte das técnicas básicas do design de joias. Trata-se de uma experiência enriquecedora, mas que exige algum cuidado.

3.1.1.3. Oficina ‘Pintura em Seda’

Na oficina ‘Pintura em Seda’, os participantes têm a oportunidade de pintar uma peça de seda e levá-la consigo para recordação (Figura 4).

Figura 4 – Oficina ‘Pintura em Seda’



Fonte: CACO (2019)

Na atividade ilustrada na Figura (4), os participantes trabalham com diferentes cores e, através da aplicação de sal marinho, criam paisagens e formas fantásticas. Trata-se de um curso introdutório que visa enriquecer a experiência, a imaginação e a criatividade dos turistas e visitantes.

4. Considerações finais

O artesanato comunica, de certa forma, a cultura de um povo. Por isso, os costumes e tradições de uma comunidade são uma preciosidade para os promotores do turismo e, também, para os turistas com motivações culturais (Marujo, 2015). Para esta autora, as tradições podem sofrer alterações ao longo do tempo, mas não desaparecem. Aliás, em algumas localidades, elas são revitalizadas e permanecem vivas por causa do turismo.

O turismo criativo, se for bem planeado, diversifica a oferta turística e preserva o património artesanal de uma localidade. O artesanato produzido pelos artesãos do espaço CRIAR constitui um pilar essencial para fortalecer a atividade turística do concelho de Odemira. Através das oficinas criativas (tecelagem, cestaria, joalharia, etc.), o turista faz uma viagem cultural e histórica pelo património da localidade que visita. As oficinas

criativas, promovidas pelo projeto ‘Mãos de Cá’, permitem um diálogo através da cultura entre artesãos-residentes e turistas. São, também, uma forma de a comunidade partilhar com outras sociedades a sua forma de ser e estar.

A CACO, ao procurar preservar e valorizar as artes e ofícios tradicionais enraizados no património cultural do concelho de Odemira, contribui fortemente para a dignificação dos artesãos e das atividades artesanais.

5. Referências bibliográficas

- Alexandre, J., Faial, A., e Rizzo, I. (2012). *Caminhos de barro: artesanato com fibra de bananeira*. Rio de Janeiro: MAUAD.
- Brandão, P., Silva, F., e Fischer, T. (2013). Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de destinos turísticos criativos e sustentáveis. *Tourism & Management Studies*, 1, 195-202.
- CACO (s/d). Associação. URL: <https://cacoartesanato.pt/> (acedido em 18-03-20).
- Castilho, M., Dorsa, A., Santos, M., e Oliviera, M. (2017). Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. *INTERAÇÕES*, 18(3), 191-202.
- Coriolano, L. (2009). *Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudanças*. Fortaleza: EDUECE.
- Cunha, A. (2012). *O artesanato, suas estratégias de comercialização e constituição enquanto produto turístico da agricultura familiar em pelotas, pedras altas e jaguarão – RS - os casos do Ladrilã e das Redeiras*. Dissertação em Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Económicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Gonçalves, F., e Costa, C. (2017). A perceção dos visitantes do território do “Galo de Barcelos”: Destino de Turismo Criativo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 27/28, 1177-1194.
- Marujo, N. (2016). Turismo, turistas e experiências: abordagens teóricas. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, 9(20), 1-13.
- Marujo, N. (2015). *Turismo, turistas e eventos: da teoria à prática*. RVJ-Editores, Castelo Branco.
- Marujo, M.N. (2012). *Turismo, Turistas e Eventos: O Caso da Ilha da Madeira*. Dissertação de Doutoramento em Turismo, Universidade de Évora.
- Mustafa, M. (2011). Potential of Sustaining Handicrafts as a Tourism Product in Jordan. *International Journal of Business and Social Science*, 2(2), 145-152.
- RAMOS, F. (2007). *Breviário Alentejano*. Vale de Cambra: Caleidoscópio.

- Richards, G. (2011). Creativity and tourism: the state of the art. *Proceedings of Tourism Research*, 38(4), 1225-1253.
- Richards, G., e Raymond, C. (2000). *Creative tourism*. ATLAS News, 23, 16-20.
- Richards, G., e Wilson, J. (2006). Developing creativity in tourist experiences: a solution to the serial reproduction of culture? *Tourism Management*, 27(6), 1209-1223.
- Santos, J., e Silva, J. (2016). Arte popular criativa e turismo cultural na cidade de Loulé (Algarve/Portugal). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 10(2), 212-232.
- Smith, W. (2006). Experiential tourism around the world and at home: definitions and standards. *International Journal of Services and Standards*, 2(1), 1-14.
- Tan, S., Kung, S., e Luh, D. (2013). A Model of creative experience in creative tourism. *Annals of Tourism Research*, 41, 153-174.
- Vives, V. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE.
- Zargham, H. (2007). Sustainable tourism development and handicrafts in the developing world. In A. Kungolos *et al* (Eds), *Sustainable Development and Planning III* (pp.1011-1017). UK: WIT Press.